



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
SANTO ANTONIO DE JESUS – BAHIA
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

LUCIANO DOS SANTOS DE JESUS

DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS
GEOGRAFIAS: práticas pedagógicas na Escola
Municipal Luís Eduardo Magalhães – SAJ/BA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Santo Antônio de Jesus – Bahia
2021

LUCIANO DOS SANTOS DE JESUS

**DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS
GEOGRAFIAS: práticas pedagógicas na Escola
Municipal Luís Eduardo Magalhães – SAJ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a conclusão do componente curricular TCC II e para a obtenção do grau de Licenciatura em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Hanilton Ribeiro Souza.

**Santo Antônio de Jesus – Bahia
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado da Bahia

d999d dos Santos de Jesus, Luciano

DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS GEOGRAFIAS: práticas pedagógicas na Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães – SAJ/BA / Luciano dos Santos de Jesus. - Santo Antônio de Jesus, 2021.

50 fls : il.

Orientador(a): Hamilton Ribeiro de Souza.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Geografia) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2021.

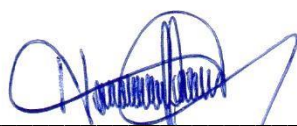
1. Diversas linguagens. 2. Geografia escolar. 3. Ensino e aprendizagem. 4. Novas leituras de mundo.

CDD: 907

LUCIANO DOS SANTOS DE JESUS

**DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS
GEOGRAFIAS: práticas pedagógicas na Escola
Municipal Luís Eduardo Magalhães – SAJ/BA**

BANCA DE APRESENTAÇÃO



Prof. Dr. Hanilton Ribeiro de Souza

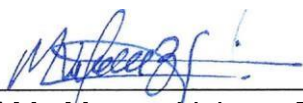
Universidade do Estado da Bahia

Orientador



Profª Drª Josemare Pereira dos Santos Pinheiro

Universidade do Estado da Bahia



Prof Ms Moacyr Velame Branco dos Santos

IFBaiano – Santa Inês/BA Parecerista

Santo Antônio de Jesus, 30 de junho de 2021

AGRADECIMENTOS

Pequenos ou grandes desafios, em alguns momentos não importa o tamanho, e sim quem está ao nosso lado para lutar, para superar. Ao enfrentarmos os desafios, às vezes nos arriscamos a refletir de forma negativa ou pessimista, mas em alguns casos os maiores desafios são superar a si mesmo. Quando alcançamos esse patamar, a tendência é que consigamos ultrapassar barreiras que anteriormente eram intransponíveis.

Durante todo este percurso o maravilhosíssimo Deus sempre me protegeu, foi minha luz, meu guia pelos estreitos caminhos fora do meu “habitat natural”. Obrigado, Deus, por tudo.

Na minha caminhada enfrentei alguns desafios, superei alguns obstáculos. Um elemento foi essencial para que alcançasse o meu objetivo, pessoas incríveis que não mediram esforços para estender-me a mão. Como não acreditar em anjos!?

Agradeço muito, em a especial, minha queridíssima avó, Maria Antônia, a qual, mesmo sem entender muito, foi a que mais me incentivou nos estudos. Como esquecer de suas chatices carinhosas... hoje não está mais entre nós, mas tem um lugar fixo no meu coração. Pessoas incríveis e boas nunca se vão.

A meus familiares, especialmente meus pais (Maria Helena e Pedro), mesmo chatos em alguns momentos, sempre acreditaram que eu poderia ir mais longe do que imaginava, e se dispuseram a ajudar, a motivar-me. Obrigado por tamanha honra e confiança. Espero lhes alegrar, sempre.

A meus irmãos de sangue e caminhada, eu não preciso citar seus nomes, apenas dizer-lhes: sinto-me honrado em partilharmos nossas histórias. Foi incrível ser influenciado por vocês. Vocês são meu orgulho. Que Deus os abençoe imensamente.

Meus mais sinceros agradecimentos a meu orientador, professor Hanilton Souza, sua alegria ao orientar e ensinar Geografia é diferenciada, ao ponto de possibilitar encantos e reencantos.

A todos que contribuíram para esse prazeroso processo de aprendizagem. Tudo que eu vivi, sem dúvida, contribuiu para o meu amadurecimento no fazer docente. Que Deus os abençoe intensamente, ilumine seus caminhos e seus familiares.

Por maior que seja a quantidade de recursos e instrumentos, se você não sabe usá-los, nunca será suficiente!
(AUTOR DESCONHECIDO)

Ninguém é tão sábio que não tenha algo para aprender e nem tão tolo que não tenha algo para ensinar. (BLAISE PASCAL)

JESUS, Luciano S. **DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS GEOGRAFIAS: práticas pedagógicas na Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães – SAJ/BA.** Trabalho de Conclusão de Curso. Santo Antônio de Jesus/BA: UNEB – DCH Campus V, 2021, 53p.

RESUMO

Esta pesquisa propõe discussões a respeito das diferentes linguagens no ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental, em uma escola pública. Ela tem como objetivo principal analisar o uso das diferentes linguagens nas aulas de Geografia da Escola Municipal Luís Eduardo Maron Magalhães (ELEMM) – SAJ/BA, e suas implicações na produção do saber geográfico e na leitura de mundo pelos alunos. Destaca-se que o uso de “métodos tradicionais”, na maioria das vezes, mostra-se ineficaz na sala de aula, uma vez que pode dificultar a interação entre o aluno e professor, resultando em aulas chatas e cansativas, tanto para os discentes quanto para os docentes. Assim, diante disso surge o nosso questionamento: Quais as linguagens trabalhadas nas aulas de Geografia pelos professores, na ELEMM/SAJ/BA, podem despertar novas leituras de mundo? É perceptível que existem buscas por meios que potencializem o ensino e a aprendizagem, de forma que a Geografia seja concebida e entendida pelos discentes com a reflexão de sua real importância. Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir para a compreensão de alguns problemas enfrentados em sala de aula, dando enfoque às possibilidades de tornar as aulas de Geografia mais atrativas. Para atingir aos objetivos propostos, foram adotados como procedimentos: levantamento bibliográfico a respeito do ensino, das diversas linguagens e da trajetória da Geografia, com os autores: KAERCHER (2003), CHIOFI (2014), MELO; VLACH; SAMPAIO (2012), FREITAS (2014), CORREA (1997) e CASTROGIOVANNI (2011), dentre outros. Para conhecer a realidade proposta e aprofundar discussões, foi realizada uma pesquisa de campo, com aplicação de entrevista aos professores e grupo focal com os alunos da referida escola, que demonstraram algumas decepções, angústias, insatisfações com a realidade vivida ao longo da caminhada, bem como, indicações de como gostariam que fosse o ensino de Geografia, a fim de possibilitar seu reencanto e revelar sua relevância socioespacial.

Palavras-chave: Diversas linguagens. Geografia escolar. Ensino e aprendizagem. Novas leituras de mundo.

LISTA DE ABRVIATURAS E SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ELEMM: Escola Luís Eduardo Maron de Magalhães

HQs: Histórias em Quadrinhos

IDEB: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LDB: Lei das Diretrizes e Bases

NTIC: Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

PPP: Projeto Político-Pedagógico

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano.....	26
Figura 2 – Fachada da unidade escolar	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ENSINO DE GEOGRAFIA, DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS REFLEXÕES	
SOBRE ENSINAR E APRENDER.....	13
1.1 A Geografia escolar e o seu contexto atual.....	14
1.2 O ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental.	19
1.3 Diversas linguagens e o ensino de Geografia.	21
2 EM BUSCAS DE OUTRAS GEOGRAFIAS	25
2.1 A Escola Luís Eduardo Magalhães - contextualizando o lócus e a pesquisa 26	
2.2 Os novos desafios para o ensino de Geografia.....	28
2.3 Realidade e perspectivas discentes e docentes no ensino de Geografia. 32	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A – Questionário dos alunos	48
APÊNDICE B – Entrevista dos professores	49

INTRODUÇÃO

Despertar o interesse do aluno é um dos grandes desafios no ensino, no caso da Geografia, esse desafio pode se apresentar ainda maior, tendo em vista que, apesar das discussões acadêmicas e de importantes avanços no ensinar e no aprender, esta disciplina ainda tem o aspecto, na perspectiva dos discentes, de decorativa, descritiva, ou seja, uma disciplina enfadonha. Assim, cabe as reflexões, do que levou essa ciência tão importante para formação social e desenvolvimento do senso crítico, alcançar tal status.

É perceptível que tivemos avanços na formação e nas formas de ensinar e aprender, mas ainda há questionamentos, como: por que a Geografia tradicional e suas práticas ainda permanecem no ensino de Geografia(?). Aqui, não procuramos culpados, mas discutir possibilidades e aplicabilidades para tentar reverter amenizar essas “rugosidades” no ensino de Geografia. Pensar e repensar o ensino de Geografia, contribui para a promoção de um ensino focado não apenas na aprendizagem e sim também na formação cidadã.

A utilização das diversas linguagens no ensino não representa algo novo, tendo em vista as discussões e produções acadêmicas já realizadas. No entanto, a forma e a frequência com que elas são utilizadas em sala de aula fazem parecer uma novidade, pois é rara a sua utilização por determinados docentes, em alguns casos a linguagem é utilizada de forma ilustrativa. A utilização do livro didático nas aulas é fundamental, porém se observa que, boa parte dos docentes, restringe suas aulas a este recurso didático. Por que será que o professor, geralmente, não perpassa este recurso didático? Quais as linguagens mais promissoras no ensino de Geografia? Por que a Geografia tradicional e suas práticas, apesar dos avanços na formação, ainda permanecem? Quais as linguagens mais promissoras para o ensino de Geografia na perspectiva dos alunos e dos professores? Essas são indagações que procuramos obter respostas e entender ao decorrer da pesquisa.

Por conseguinte, o problema que norteia este trabalho é: quais as diferentes linguagens trabalhadas nas aulas de Geografia pelos professores da ELEM, a fim despertar, nos alunos, novas leituras de mundo?

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem por objetivo geral, analisar o uso das diferentes linguagens nas aulas de Geografia da ELEMM e suas implicações na produção do saber geográfico e na leitura de mundo pelos alunos.

O estudo sobre as diversas linguagens, na atualidade, tem uma relevância significativa, pois pode contribuir no enriquecimento das possibilidades de ensinar uma Geografia mais prazerosa e interativa. Sendo assim, especificamente, busca-se, também: discutir os principais fatores que influenciam o status atual da Geografia na Escola Municipal Luís Eduardo Maron de Magalhães (ELEMM); identificar as diversas linguagens no ensino de Geografia e como elas são utilizadas para dinamizar as aulas; e, por conseguinte, analisar quais as linguagens mais promissoras para o ensino de Geografia, no contexto atual.

Optamos pela investigação nos anos finais do Ensino Fundamental porque, durante a etapa de estágio supervisionado, verificamos a necessidade de trabalhar e fortalecer os pontos básicos e fundamentais para a formação, bem como para a compreensão dos discentes, principalmente no que tange as noções/conceitos geográficos essenciais para a apreensão e leitura do espaço geográfico.

Para atender aos objetivos propostos e alcançar os resultados, foram adotados como procedimentos metodológicos: I- levantamento bibliográfico, com autores que discutem temas semelhantes, desde a área das diversas linguagens no ensino, a questões relacionadas ao processo de aprendizagem em Geografia; II- pesquisa de campo na ELEMM, situada na cidade de Santo Antônio de Jesus – Bahia. A pesquisa de campo foi desenvolvida em duas etapas: aplicação de entrevistas aos professores; e realização de um grupo focal com os alunos.

Com a entrevista procuramos compreender como se tem dado as práticas docentes, bem como as linguagens utilizadas para fortalecer o ensino e a interação. Com o grupo focal discutimos sobre o potencial das linguagens e o que tem levado os alunos a si distanciarem do desejo de aprender Geografia, quais as perspectivas dos alunos em relação à utilização de algumas linguagens no cotidiano da sala de aula.

Esta monografia, encontra-se organizada em dois capítulos. No capítulo I, intitulado: “Ensino de Geografia, diversas linguagens e outras reflexões sobre ensinar e aprender”, é o nosso marco teórico, que busca dialogar com autores que discutem a origem da Geografia, e o processo histórico de estabelecimento desta ciência e sua evolução ao longo do tempo. Assim, também, como ocorreu a inserção da Geografia

na sala de aula. Para atingir nosso foco principal, buscamos autores que discutem o processo de ensino e aprendizagem por meio de métodos que possibilitem mais interação dos alunos, valorizando o teor crítico contextualizado. Utilizamos os seguintes autores para auxílio nas discussões: Kaercher (2003), Chiofi (2014), Melo; Vlach; Sampaio (2012), Freitas (2014), Correa (1997), Castrogiovanni (2011), Passos (2014), Straforini (2004), Santos (2011), Castellar (2019), Lacoste (1986), Moreira (1981), Callai (2004), Chiapetti e Santos (2011), Souza e Souza (2013) dentre outros.

Já no capítulo II, intitulado “Em busca de outras geografias”, buscamos investigar como se tem dado o ensino e a aprendizagem de Geografia. Nesta seção constam os relatos de alunos e professores e as reflexões sobre a realidade do ensino, bem como as possíveis alternativas para que possamos buscar outras Geografias para possibilitar um ensino mais atrativo, dinâmico e contextualizado.

1. ENSINO DE GEOGRAFIA, DIVERSAS LINGUAGENS E OUTRAS REFLEXÕES SOBRE ENSINAR E APRENDER

Ao longo da história o conhecimento geográfico passou por transformações estruturantes, principalmente conceituais e metodológicas, vindo a se firmar, se comparado com as demais ciências, recentemente, ou seja, na segunda metade do século XIX. E sua inserção nas grades curriculares foi ainda mais recente. De sua origem à inserção na sala de aula ela passou por diversas reformulações. Na sala de aula estivera e ainda está em constante discussão sobre o que ensinar e como ensinar, especialmente na educação básica. De acordo com Andrade (2010, p.17)

Na premissa de que tudo é mutável e assim precisa sê-lo, pois vivemos em um mundo dinâmico, fugaz e contraditório, torna-se imprescindível discutir as transformações da ciência geográfica, a fim de refletir sobre um possível reencantamento da geografia na sala de aula.

Na compreensão do mundo se enfatiza como conhecimento fundamental a leitura e apreensão do espaço geográfico. É ele, o espaço geográfico, o norte das discussões geográficas. E este é o pilar fundamental para estudo, compreensão e ensino da Geografia escolar. Todavia, ensinar apresenta-se como um grande desafio. Ele é ainda maior quando nos deparamos com ambientes em que a desmotivação é, em boa parte, cada vez mais proeminente. Nesta perspectiva, inserimo-nos no campo das discussões quanto às buscas por um melhor ensino e os desafios para torná-lo mais atrativo e compreensível.

Sendo assim, as diversas linguagens tendem a desempenhar papel importante nesta busca, uma vez que é ampla e diversificada, tem um caráter lúdico e de grande potencial para ensinar e aprender, principalmente a Geografia.

Segundo Andrade (2010, p.16), “Para ensinar não podemos estar atados simplesmente a práticas que deram certo. É necessário ter a capacidade de improvisar e ser capaz de, a partir do mais insignificante recurso, produzir conhecimento e despertar a curiosidade e a vontade de saber do aluno”. Como bem destaca o autor, se faz necessário sair da caixinha, pois não existe fórmula pronta para dar uma boa aula. Dessa forma é importante compreender a realidade e pensar em possibilidades de alcançar resultados mais satisfatório para os discentes.

1.1 A Geografia escolar e o seu contexto atual

A origem da Geografia, conforme destaca Moreira (1981), se dá desde os primórdios da humanidade. Antes mesmo da invenção da escrita ou descoberta da roda e do fogo. No deslocamento que cada povo/tribo fazia à procura de alimentos, segurança ou lugares mais adequados para erguer moradas, ainda que temporárias, para isso eles tinham ideias geográficas e estratégias para ocupação do espaço: qual o espaço mais adequado às necessidades físicas para “minha tribo/povo”? Quais as facilidades logísticas do estabelecimento nesta região? Quais pontos geográficos mais seguros para se estabelecer e visualizar o entorno? E muitas outras indagações.

Nesta perspectiva, os conhecimentos geográficos vão evoluindo, até que se firmarão, enquanto ciência, milhares de anos depois, mais precisamente no século XIX, com o intuito de primeiramente atender os anseios humanos, mas, contribuindo, também, para a dominação e expansão territorial, bem como para a consolidação do Estado-Nação, especialmente a Alemanha, onde nasceu esta ciência.

A sistematização da Geografia, enquanto ciência, é algo consideravelmente recente. Segundo Gurgel (2016, p.04)

O contexto de organização da Geografia como ciência está relacionado com o processo de expansão imperialista Alemão; o surgimento da Geografia articulava-se, portanto, a fins de natureza política. Esse cenário contribuiu para a consolidação de uma ciência comprometida em atender os anseios de uma sociedade capitalista, dito em outras palavras estava a serviço do interesse burguês.

Desta forma, incentivava-se o ensino de Geografia para que, assim, os militares obtivessem melhores conhecimentos e estratégias na guerra. E, para além disso, fortalecer o sentimento de patriotismo e nacionalismo. Esse processo de sistematização é atribuído a Alexander Von Humbolt e Carl Ritter, ambos cientistas alemães, como destaca Moreira (1981, p. 26).

Com Humboldt e Ritter nasce a geografia científica, sendo por isto denominados os precursores da Geografia moderna. Nasce a Geografia acadêmica, isto é, a Geografia produzida a partir dos centros universitários e ensinada nas escolas.

É importante destacar que o conhecimento geográfico já existia, mas de forma restritiva. Segundo Passos (2014, p.01) “A Geografia só é reconhecida enquanto

ciência e disciplina a partir do século XIX”. Desta forma ela era de uso exclusivo do Estado, para o controle, manutenção e obtenção de poder.

Seu processo de sistematização enquanto ciência fora lento, o que anteriormente estava apenas sobre domínio e controle do Estado, passa a assumir um caráter social, mas no sentido de preparar e incentivar soldados/patriotas. Como destaca, MELO; VLACH; SAMPAIO (2012, p.02) “A Geografia “serviu” primeiro para a guerra e conseqüentemente para preparar soldados. Assim, a Geografia começou a ser ensinada na escola porque era útil à classe dominante naquele momento histórico”.

Os motivos pelo qual a Geografia passou a ser ensinada na sala de aula, em momento algum fora social, mas militar e político-econômico, pois proporcionaria maiores conhecimentos estratégicos aos soldados. A Geografia era restrita, praticamente uma arma de guerra, aqueles que a detinham, possuíam um conhecimento do espaço geográfico, e estavam passos à frente no controle e domínio territorial e numa eventual guerra.

Ela apresentava-se enquanto uma ciência dissociada das ações humanas, era de caráter descritivo, onde os aspectos e fatores naturais não apresentavam ligações com as ações antrópicas. E sua essência, na escola, proporcionava o ensino mnemônico, decorativo, uma ciência com neutralidade política.

E em seu período inicial ela enfrenta alguns problemas teóricos-metodológicos. Como menciona Moraes (2003), era uma Geografia pautada no positivismo, que trabalhava mais de forma acrítica as transformações espaciais. Sendo assim, mais descritiva, decorativa, fria e distante. A descrição do planeta Terra era um dos seus principais enfoques.

Segundo Melo et al. (p.02, 2012): “No início do século XIX, na Europa, quando a Prússia almejava fundar o Estado-Nação alemão, o governo instituiu a formação básica para todos, com a exigência de aprenderem a língua nacional, a história e a Geografia na perspectiva do amor à pátria”. Nessa visão, outras nações, como a França, enxergaram potencial para seu fortalecimento militar, principalmente pelo motivo das estratégias da Prússia, nesta área, terem se apresentado como sucesso eminente.

Com a inserção desse conhecimento no ambiente escolar, logo surgiria a necessidade de preparar profissionais para lecionar. Desta forma, foram surgindo os

cursos de preparação de professor de Geografia, o que contribuiu e fortaleceu a concretização enquanto ciência, pois possibilitou a criação das universidades.

Contudo, o ensino da Geografia ocorria de acordo com o pensamento geográfico da época, o qual era pautado na forma tradicional e acrítica, como destaca Melo et al. (2012, p.04): “O que caracteriza a Geografia dita Tradicional é o seu “método” de ensino que supervaloriza a “memorização de inúmeras informações” e seu “distanciamento da realidade”, assim como seu referencial teórico: os livros de Geografia Clássica/mnemônicos”.

Assim, essa Geografia começa a entrar em declínio, principalmente por não conseguir responder/dar conta das demandas e transformações socioespaciais da época. Moreira (1981), ressalta que a Geografia Tradicional começa a perder força na década de 1950. Em contraponto, o movimento de renovação começa a ganhar força entre 1960 e 1970, impulsionado, essencialmente, pelo momento histórico em que passava o mundo (expansão dos movimentos ambientalistas, movimento negro, movimento feminista, Guerra Fria e outros). Vale ressaltar que a crise na Geografia Tradicional não acarretou a extinção da mesma, mas provocou algumas remodelações.

Um dos mais marcantes elos da Geografia, foi quebrado com a alavancada da Geografia Crítica, ou seja, a neutralidade científica propagada pela Geografia Tradicional. Com isso, a Geografia passa a ter e desempenhar um papel de ciência crítica, em que o fator humano vai se apresentar como primordial para a compreensão de seu objeto de estudo. Esta nova Geografia tem como base o marxismo e seus embates ao capitalismo severo. A Geografia tornou-se, então, uma ciência politizada.

O marxismo fundamentava a Geografia crítica e a fenomenologia, a Geografia humanística. Ambas possibilitaram à Geografia uma nova roupagem, apropriando-se dessas correntes filosóficas, a fim de compreender a organização, produção e reprodução do espaço geográfico. Callai (2005), enfatiza que a própria Geografia estava passando por momento de transformações, os autores buscavam novas visões de mundo, apoiando-se no marxismo e na fenomenologia. Entretanto, essa Geografia conteudista, tendia a fomentar o desinteresse do aluno, a falta de prazer no aprender. De acordo com Straforini (2004, p. 57)

O objetivo da escola tradicional é a transmissão de conhecimentos, ou seja, uma preocupação conteudista. Dessa forma, o aluno é visto como um agente passivo, cabendo a ele decorar e memorizar o conjunto de conhecimentos significados da cultura da humanidade previamente selecionados e transmitidos pelo professor em aulas expositivas.

Com a nova roupagem que a Geografia adquire, por meio dos seus pensadores, a mesma ganha uma nova perspectiva, inserindo-se no auge das discussões crítico-reflexivas da sociedade. E no processo de ensino o aluno passa a ser protagonista, e abandona ser passivo de outrora.

O processo de desenvolvimento da Geografia enquanto ciência tem passado por constantes e intensivas transformações, bem como o espaço geográfico. A Geografia Escolar mostra-se então indispensável para a sociedade, vale a ressalva que o professor deve embarcar no processo formativo e de atualização constante, como destaca Passos (2014, p.01)

Neste contexto, a Geografia se mostra como uma disciplina significativa e indispensável para o desenvolvimento de um cidadão pensante, crítico e atuante na sociedade, e o professor desempenha papel de fundamental importância neste sentido, assim sendo sua formação deve ser consolidada e constante.

A formação e atualização constante tem se mostrado cada vez mais essencial, principalmente para adequar-se às exigências da contemporaneidade, pois as mudanças sociais, econômicas, políticas, ambientais, culturais do mundo e sociedade são cada vez mais intensas e perturbadoras. Esse fato se deve, à revolução técnica, científica e informacional, como salientada por Santos (2000).

Com o passar do tempo, as técnicas mudam, umas se tornam obsoletas, algumas por não conseguirem mais atender às necessidades da sociedade vigente, novas técnicas surgem para atender às novas exigências. E a sala de aula tende a acompanhar essas constantes mudanças.

Muito se tem discutido sobre as novas metodologias de ensino e aprendizagem, bem como sobre as relações entre a Geografia acadêmica e como ela é ensinada na escola. Como bem destaca Santos (2011, p.64) “Pensar/fazer/refletir no ensino de Geografia exige predisposição para dialogar em sala de aula, para o trabalho com uma geografia em que os alunos redescubram os saberes, e isso só é possível quando os conteúdos passam a ter significados na vida dos discentes”.

As ciências apresentam-se com certa dinâmica, nada nela é absoluto, tudo é mutável e contestável. A Geografia apresenta-se neste meio com sua dinâmica de compreensão, interpretação e reflexão do espaço geográfico e as relações humanas sobre o mesmo, são fatores que podem ser tidos como complexos, mas nem tudo que é complexo é difícil. Para tanto, a sua inserção na sala de aula necessita de específicos métodos para aprender e ensinar.

Para além disso, é fundamental que se tenha cuidado ao ensinar e que seja refletido as formas. Melo et al. (2012, p. 02) já destaca que “no ensino de Geografia é preciso refletir sobre o que ensinar, como ensinar, para que ensinar e para quem ensinar. Deve-se também buscar superar o tradicionalismo da Geografia”. Ou seja, torna-se fundamental que além do conhecimento geográfico e pedagógico dos docentes cabe a eles também a compreensão do seu espaço escolar e ter a flexibilidade nos conteúdos, contextualizando-os para a realidade dos discentes.

‘Segundo Castrogiovanni (2011, p.44), “A escola deve buscar/construir caminhos facilitadores para a construção do conhecimento e para a valorização do desconhecimento, de modo que a dúvida deve fazer parte da proposta pedagógica”. O desconhecido gera curiosidades e a dúvida proporciona desejo pela procura e pela investigação. Sugere-se então, ir além da sala de aula.

Isso tem se tornado a cada vez mais um desafio para os docentes. Observa-se ainda, a dificuldade de interação academia-escola-sociedade, em alguns momentos, parece ter muitas dificuldades em dialogar. Conseguir compreender e melhorar esta situação pode ser fundamental para alcançar um processo formativo e educativo mais efetivo.

É algo que possibilita maior fortalecimento da ciência geográfica, ao ponto que faz com que a sociedade desperte prazer em conhecê-la, não apenas o saber pelo conhecer, e sim também pelo saber. Transpassando assim as barreiras de uma ciência decoreba e enfadonha, para uma ciência dinâmica e interativa, em que os indivíduos são os principais produtores da mesma. No momento em que a academia, a escola e a sociedade se inteirarem mais, conseguiremos avançar de forma cada vez mais significativa.

Segundo Callai (2004, p.3), “a escola deve ser geradora de motivações para estabelecer inter-relações e produzir aprendizagens, e o professor ser o mediador deste processo”. Mas, para que esse processo de geração de motivações aconteça e

se efetivo, o aluno deve estar como protagonista e que o ensino não seja tão tradicional. Não quero aqui discutir que o tradicional venha a ser algo bom ou ruim na sala de aula, mas, em muitas situações, ele torna-se um comprometedor para aprendizagem, diante de uma sociedade modernizada, em que os estudantes estão em constante imersão nas novas tecnologias e na acessibilidade dos mais variados recursos que podem potencializar a aprendizagem.

Mesmo diante da diversidade de recursos disponíveis, ainda é possível verificar o agravamento de algumas dificuldades enfrentadas pelos docentes, como a dificuldade na transposição didática e de como utilizar outros meios para que o ensino resulte numa melhor aprendizagem. Cabe salientar que não basta apenas ter conteúdo, mas também ter didática, flexibilidade e um olhar crítico. O olhar crítico contribui para o entendimento de que espaço e sociedade são indissociáveis.

Um dos fatores que agrava esta situação supracitada, é o fato de alguns docentes que atuam em Geografia, em muitas escolas, não serem da área de Geografia, há casos de ser a má formação do professor de Geografia, há ainda situações de comodismo. Desta forma, se faz fundamental pensar e refletir o ensino em prol de uma Geografia mais atrativa, e se distanciar do ensino que em alguns casos, pode ser traumático.

1.2 O ensino de Geografia nos anos finais do Ensino Fundamental

De acordo com a LDB (1996), é nos anos finais do Ensino Fundamental que os objetivos educacionais estão mais especificamente pautados na compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes, da cultura e dos valores em que se fundamenta a sociedade. Esta fase possibilita ao aluno ampliação com maiores dimensões da realidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foram pensados de forma que apresentassem para cada disciplina os enfoques importantes a serem estudados em cada ciclo, a ponto de proporcionar melhor adequação à realidade do aluno. De acordo com Castellar (p. 01, 2019)

A Base reforça a ideia da Geografia como um componente importante para entender o mundo, a vida e o cotidiano. Desenvolver nos estudantes o raciocínio geográfico, articulando alguns princípios, significa dotá-los de mais uma forma de perceber e analisar criticamente a realidade.

Proporcionar nas aulas discussões que ampliem os horizontes sobre o conteúdo trabalhado, fazendo reflexões da realidade vivida, percebida e sentida, com criticidade, passa a ser papel fundamental para o ensino de Geografia, a partir da BNCC, a qual deixou claro a abrangência e influência que essa ciência pode apresentar na sala de aula:

A Geografia, [...], tem um tratamento específico como área, uma vez que oferece instrumentos essenciais para compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, que estabelecemos com ele. (BRASIL, 2015, p.99)

Compreender o espaço geográfico, a produção e reprodução do espaço, os diferentes lugares, territórios, paisagens, as regiões, as redes, etc. Proporcionará ao aluno compreender as relações homem-natureza de forma mais abrangente e que o mesmo entenda o seu lugar e importância no mundo.

Neto (2015), em sua pesquisa de mestrado sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) retrata problemas semelhantes ao que acontece nas demais modalidades de ensino que:

[...] a ineficiência histórica das políticas públicas educacionais em garantir o acesso e a permanência desse público na escola; a insistência de práticas desvinculadas da realidade do aluno, desconsiderando a sua condição de sujeito social; a ausência de conexões entre o saber geográfico científico ensinado na escola e o conhecimento prévio do educando, conforme preceitos da pedagogia freiriana; a carência de formação inicial e continuada dos docentes, que atentem para as características e necessidades dessa modalidade de ensino. (NETO, 2015, p.02)

Dentre esses problemas supracitados, o que podemos citar também é a falta de contextualização do conteúdo com a realidade do aluno e ainda as dificuldades de relacionar a teoria com a prática. Não é muito incomum, principalmente recentemente, ouvir os comentários dos alunos pelos corredores das escolas e fora dela, “Para que eu vou querer? Para que vou utilizar? Para que isso vai me servir na vida real, na minha aplicação cotidiana!?” Afinal, para que serve mesmo o conhecimento geográfico na vida cotidiana?

Alguns professores, provavelmente, responderiam, “serve para um melhor conhecimento sobre o espaço geográfico”, outros que “para formação de seres

críticos-reflexivos” e uma outra parte “para conhecer melhor o espaço habitado e não habitado”.

Serve não só para formar seres “pensantes e críticos”, mas para compreender e ter melhores estratégias para a vida, como dizia Iyves Lacoste (1988), “a Geografia serve antes de tudo para fazer a guerra”. A guerra é vencida nem sempre por aqueles que detém o maior poder econômico, militar ou político, mas, em alguns casos, por aqueles que tem em mãos maior conhecimento sobre o território e saiba utilizá-lo a seu favor. Em outras palavras, por àqueles que têm a melhor estratégia.

Vale destacar que não se restringe a apenas a guerra militar, mas também a guerra da informação, política, ambiental, cultural e, sobretudo, socioeconômica de (re)produção e (re)organização espacial. São guerras diárias de uso, ocupação e apropriação dos territórios urbanos e rurais, a guerra pela sobrevivência em espaços contraditórios e excludentes.

Segundo Lacoste (1989, p.21)

Todo mundo acredita que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção “desinteressada” da cultura dita geral... Pois, qual pode ser de fato a utilidade dessas sobras heteróclitas das lições que foi necessário aprender no colégio?

Como destaca o autor acima, a Geografia fora e é uma ciência e disciplina escolar, subestimada e desinteressante para a sociedade comum, uma vez que o ensino descritivo e decorativo fomentava a cada vez mais para que esta parecera uma disciplina simplória, pouco relevante e chata. Neste sentido cabe aos pesquisadores e professores pensar em meios e formas para trazer à luz a importância e o prazer de ensinar e aprender essa ciência, que fora é fundamental para a compreensão e processo de construção constante da sociedade.

1.3 Diversas linguagens e o ensino de Geografia

Pensar em metodologias que propiciem uma compreensão e que encantem os olhos, provocando reflexões dos docentes e discentes para a construção dos saberes geográficos, apresenta-se como ponto primordial para a formação cidadã.

Na trajetória em busca de uma Geografia mais prazerosa e que cumpra seu papel social, os professores necessitam avançar e vencer determinados desafios na

prática docente para tornar o ensino mais dinâmico e lúdico. Conseguir perpassar o livro didático, ou até mesmo deixá-lo de lado por alguns momentos, tem se mostrado uma realidade distante. Ora pela dificuldade docente na utilização de outros meios, ora pela dificuldade no acesso.

Segundo Castellar (2013, p.30) “a aprendizagem deve fazer sentido quando o aluno se sente parte do conhecimento e quando faz uso das informações aprendidas, aplicando, por exemplo, conceitos a outras situações distintas da que vivenciou”. Nesse contexto, se insere a sala de aula e as novas práticas pedagógicas na busca de atender/adequar-se com a realidade para comportar os alunos proporcionando assim formas mais interativas de ensino e aprendizagem. Evidencia-se, também, a necessidade de trabalhar as aulas voltadas para a realidade dos discentes. Segundo Castrogiovanni (2011, p.47) “Quando o aluno expressa sua criação por meio de sua interpretação, ele passa a desempenhar maior autonomia e a sentir-se autor. É fundamental oferecermos possibilidades pedagógicas para que os alunos sintam-se co-autores do mundo”.

Isso denota ao discente que ele não é apenas um estudante que busca compreender as transformações, os sujeitos e a sociedade no espaço geográfico, mas que ele também faz parte deste processo e participa de vastas ações para transformação espacial. Sendo assim, é de fundamental importância estudos e reflexões sobre o que ensinar e como ensinar, e pensar meios que impulsionem o ensinar e o aprender.

A linguagem é um elemento modelador de culturas, crenças e costumes. Os elementos presentes nas músicas, poemas, textos literários, nas histórias em quadrinhos (HQs), figurinhas, charges e cartuns, nas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC's), nas imagens, jornais, revistas, jogos, dentre outros, apresentam características fundamentais para análise e compreensão do espaço geográfico, pois possibilitam, através de outras linguagens, outros olhares e reflexões, favorecendo, assim a aprendizagem dos alunos. Elas são fundamentais para o processo mais dinâmico e intensivo de ensino e aprendizagem na atual sociedade da “informação e informatização”.

O uso das diversas linguagens, especialmente no ensino da Geografia, pode dinamizar o processo de ensino e aprendizagem, possibilitando aos discentes

obterem melhores resultados. Mas pouco é observado a utilização das diversas linguagens no ensino da Geografia.

Quando verificamos nos anos finais do Ensino Fundamental, verificaremos algumas problemáticas que dificultam tornar as aulas de Geografia mais interativas, professor desmotivado, professor acomodado, professor conteudista e o professor atuando fora da sua área de formação.

Utilizar diferentes meios para auxiliar no ensino é também um grande desafio, e aqui faz-se essencial algumas análises e reflexões: Qual utilizar? Como utilizar, e por quê utilizar determinada linguagem para um tema específico?

Isso implica primeiramente em contextualizar as discussões de acordo com a realidade do aluno, por conseguinte trazer formas de deixar a aula mais atrativa, interessante. O que para Geografia apresenta-se ainda como um grande desafio, reflexos da sua constituição histórica e do ensino tradicionalista.

Para Kaercher (2003, p.65), “por tratar de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, a Geografia pode gerar um sem número de situações-limite, quebrando, assim, a tendência secular de nossa escola como algo tedioso e desligado do cotidiano”. A escola passa em alguns momentos e casos a ser vista como local de tortura mental e chata, onde o prazer pela busca do conhecimento torna-se cada vez menos estimulante, esse tédio pode ser reflexo do autoritarismo do professor, falta de estrutura da escola, metodologias tradicionais constantes e intensas.

O ensino baseado na necessidade de conhecer e no interesse de questionar, tende a proporcionar aprendizagens significativas, uma vez que ambos influenciam na construção de indivíduos críticos e investigativos.

Segundo Souza; e Souza (2013, p.91) “É válido destacar que a complexidade do mundo contemporâneo é crescente, principalmente com intensificação da globalização, pois a informação e o conhecimento tornam-se cada vez mais dinâmicos”. Para além disso, a ciência encontra-se atualmente num intensivo processo de transformação e ressignificação, e para conseguir dar conta desta realidade, na sala de aula, é essencial que se repense as estratégias de ensino e aprendizagem para adequar a prática pedagógica ao contexto histórico vivenciado.

As diversas linguagens têm o potencial de ampliar a aprendizagem da realidade discutida, no contexto geográfico, de forma mais lúdica, se apresentando como essencial para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

A fotografia, a charge, o cartum, as histórias em quadrinhos, o teatro, a música, a literatura, a revista, o jornal, o cinema, a TIC (NTIC), dentre outras, são relevantes e promissores sistemas de códigos de comunicação no processo de ensino e aprendizagem. Essa diversidade pode ser utilizada na sala de aula, possibilitando maior participação, reflexão e aguçando a imaginação do aluno.

Podemos utilizar os rótulos dos produtos para discutir sobre seu processo de produção e redes de distribuição; podemos propor investigações das transformações espaciais e sociais por meio das imagens que os alunos capturem com o *Google Street View*; elaborar e aplicar avaliações interativas com o Google Formulário, dentre inúmeras outras possibilidades.

Quando destacamos, o cinema, geralmente ele é utilizado na sala de aula de forma a apresentar uma dada realidade do mundo, produzido e apresentado por outros, e esquecemo-nos da possibilidade de que os alunos também podem produzir e apresentar. O estar dentro e sentir-se dentro do processo de aprendizagem, contribui para que ela seja mais significativa e efetiva.

E na música encontramos inúmeras possibilidades para trabalhar diversos conteúdos, dentre eles a Regionalização, Territorialidade, Meio Ambiente, exclusão socioespacial, Globalização, Urbanização etc.

As diversas linguagens, embora amplas, elas ainda são pouco exploradas na sala de aula, em alguns casos pelas dificuldades dos docentes em pensar possibilidades de aplicação. A tecnologia da informação e comunicação é uma linguagem que, mesmo alcançando um grande número de usuários, principalmente os mais jovens, sua utilização na sala de aula tem se mostrado pouco presente.

2. EM BUSCA DE OUTRAS GEOGRAFIAS

O ensinar e aprender perpassa o conhecimento já posto, o conhecimento científico. O conhecimento cotidiano (senso comum), também se apresenta como de relevante importância para o ensino escolar, no entanto presenciamos realidades onde o conhecimento cotidiano é deixado de lado. Isso é reflexo da visão equivocada de que o aluno é apenas um ser passivo no processo de ensino. A falta de reconhecimento e inserção do aluno como protagonista do seu processo de ensino e aprendizagem, possibilita retrações das suas potencialidades, pois o limita.

Segundo Chiapetti; e Santos (2011, p.01)

Um dos grandes problemas enfrentados pela escola pública brasileira atualmente é a falta de motivação dos alunos em relação às aulas. Os alunos vivem em um mundo de complexas transformações socioeconômicas, tecnológicas, políticas, e vão para a sala de aula cheios dessas expectativas e agitações. Por outro lado, nem sempre encontram na escola um ambiente agradável e motivador.

Essa motivação pode acabar por gerar decepções, quando o discente não se sente parte integrante do processo de construção do ensino, o que contribui para que na perspectiva do aluno a escola se torne um ambiente cada vez mais enfadonho. Diante disso, se faz necessário a busca por um ensino e aprendizagem mais prazeroso, que incentive a criatividade e a fascinação. De acordo com Bomfim (2006, p.01)

Nas escolas, do Brasil e do mundo, percebe-se que o ensino de geografia mantém, ainda, uma prática tradicional, tanto no ensino fundamental quanto no médio. Para a maioria dos alunos, a aprendizagem da geografia na escola se reduz somente à memorização, sem fazer referência às experiências sócio-espaciais.

Diante da realidade da prática tradicional do ensino de geografia, se faz necessário, o pensar e repensar sobre as novas Geografias, a fim proporcionar um ensino mais lúdico e próximo da realidade discente, isto permitirá a Geografia ingressar-se na realidade do aluno enquanto conhecimento fundamental para compreensão do mundo, e tão importante quanto as demais disciplinas.

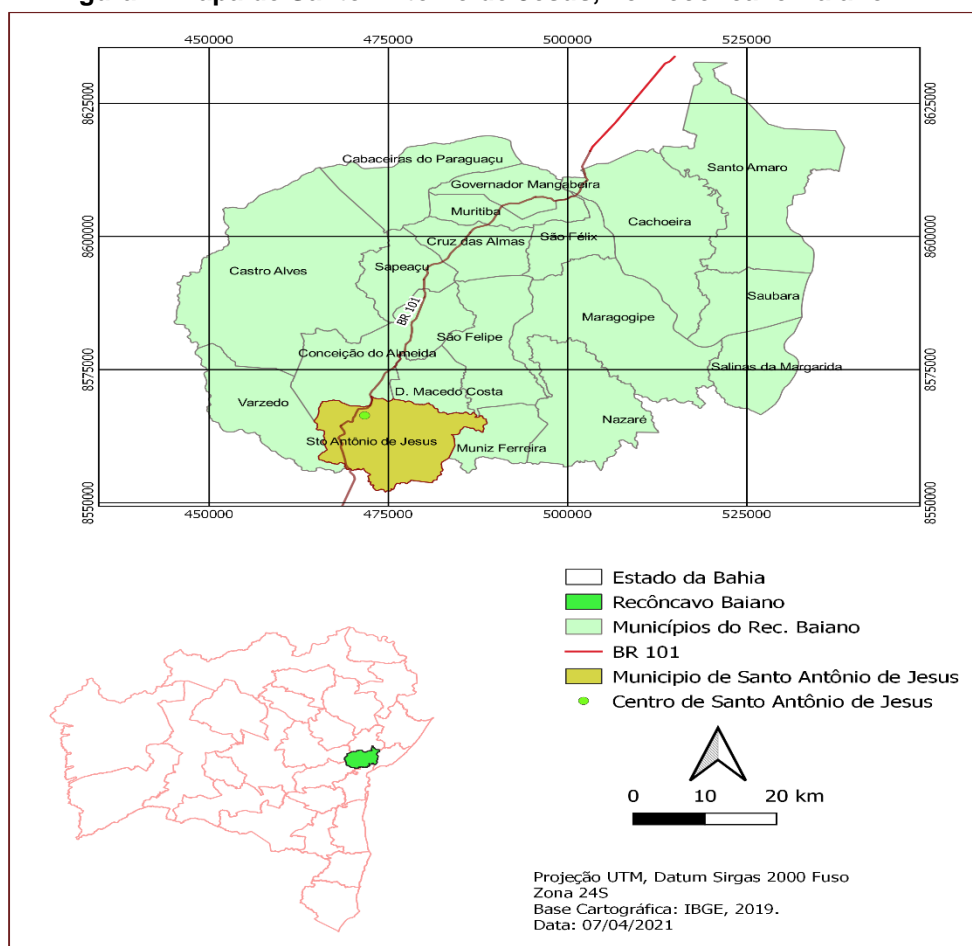
Com o processo de democratização do acesso a informação, abre-se um leque de possibilidades e fontes de informações para a maioria dos alunos, conforme afirma, Chiapetti; e Santos (2011, p.02) “Estes querem e buscam formas de conhecimento

motivadoras e instigantes”, e, para isso, os docentes precisam se adequar as novas demandas. A democratização da informação evidencia maior importância do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem.

2.1 A Escola Luís Eduardo Magalhães – contextualizando o *lócus* e a pesquisa

A Escola Municipal Deputado Luís Eduardo Maron de Magalhães situa-se no centro da cidade de Santo Antônio de Jesus (Figura 1). O município de Santo Antônio de Jesus, está localizado no Território de Identidade do Recôncavo da Bahia, distante, aproximadamente, 100 km da capital, Salvador, via travessia marítima *ferry-boat*.

Figura 1: Mapa de Santo Antônio de Jesus, no Recôncavo Baiano



Fonte: IBGE, 2019. Elaborado por Luciano S. Jesus, 2021

A referida escola (Figura 2) está localizada na rua Vereador Ademário Francisco dos Santos, S/N, Centro. Foi criada pelo decreto 679/2000, de 23 de março de 2000. Ela tem seu funcionamento nos turnos matutino e vespertino, ofertando os

Anos Finais do Ensino Fundamental, na modalidade regular, especial e Educação de Jovens e Adultos.

Figura 2: Fachada da unidade escolar



Fonte: Luciano S. Jesus, 2020

A instituição de ensino é caracterizada como de grande porte, tendo no seu quadro funcional 32 funcionários e 48 professores, 16 salas de aula, além de uma quadra poliesportiva, um pátio, auditório, uma sala de leitura, uma sala do professor, uma secretária, uma sala de informática, uma cozinha, um depósito, um banheiro para professores, dois banheiros coletivos para alunos, uma sala da Coordenação e 3 salas dedicadas ao funcionamento do programa +Mais Educação.

No que diz respeito ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, encontra-se atualizado, de acordo com as informações cedidas, e está de acordo com a versão final da BNCC. A Escola ainda dispõe de um conselho escolar, formado pela escola, alunos, professores, funcionários, direção e pais de alunos.

Estruturalmente, se comparada aos níveis das demais escolas municipais, esta unidade tem uma infraestrutura um pouco melhor, mas quando se imagina algo de “qualidade”, é perceptível algumas precariedades e degradação da escola, como no caso de pisos de algumas salas e quadros bastantes deteriorados, com a escassez de alguns recursos didáticos, que são fundamentais, atualmente, para desenvolver algumas aulas, como *datashow*, televisão e computadores.

No ano letivo de 2020, esta instituição contou com o número 1.166 alunos, assim matriculados: 1.061 nas séries finais do Ensino Fundamental; 70 estavam matriculados na EJA; e 35 da Educação Especial.

De acordo com a última avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB, 2019), a referida escola obteve o segundo melhor desempenho entre as escolas públicas municipais de Santo Antônio de Jesus, com índice de 4,4. Em relação ao levantamento de 2017, o IDEB 2019 cresceu, mas não atingiu a meta estipulada de 5,5. A nota máxima que uma escola pode alcançar no IDEB, é 10,0. Este índice é calculado de acordo com as médias de desempenho nas avaliações e no fluxo escolar.

Metodologicamente, esta pesquisa teve como procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico, com autores que discutem a Geografia, o ensino de Geografia e o potencial das diversas linguagens no ensino. Para coleta e análise dos dados, utilizamos entrevista semiestruturada com dois professores e um grupo focal com sete alunos¹ (do 9º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental), com a finalidade de entender como se tem dado o processo de ensino e aprendizagem e o que é necessário fazer para que este processo avance para uma educação reflexiva e transformadora.

Seguindo o compromisso ético da pesquisa com seres humanos, a fim de não revelar a identidade dos colaboradores, colocamos apenas a profissão e numerais como identificação. Destaca-se também que a participação na pesquisa foi livre e esclarecida quanto aos usos e discussões. A análise dos dados foi feita com o cruzamento dos relatos dos professores e alunos, apoiados nas discussões teóricas dos autores que embasam este trabalho.

2.2 Os novos desafios para o ensino de Geografia

Inovar é um processo desafiador, em alguns casos exige sacrifícios, mas na maioria das vezes proporciona resultados e benefícios significativos e prazerosos. E o prazer é um dos guias de percurso da humanidade, pois buscamos, no decorrer da vida, o prazer, em diversos momentos e situações, e não é diferente na educação: o prazer de descobrir, aprender e ensinar. Assim, o professor deve ter como compromisso criar estímulos para produzir experiências de prazer no aprender e ensinar a Geografia, a fim de evidenciar os encantos desta disciplina.

¹ Devido ao momento pandêmico, e as medidas de segurança sanitária, as entrevistas e grupo focal foram realizados por videoconferência, via Google Meet.

No processo de construção de outras Geografias, mais intuitivas e interativas, Souza; e Souza (2013, p. 298) destacam que:

Nós, professores de Geografia, devemos ousar mais para tentar construir outras e novas Geografias, saindo do conservadorismo para realizar experiências de aprendizagem que produzem encantamento, sedução, criatividade e inventividade do ensino e aprendizagem da nossa disciplina.

Como discutem os autores supracitados, devemos fugir da zona de acomodação e avançar em direção ao criar, ao tentar inovar para fazer um ensino diferente no cotidiano da sala de aula. Fazer isso, é sair da rotina, muitas vezes já preestabelecida pelas instituições, ou até mesmo pela consciência do docente. A quebra do paradigma de ensino em relação à concepção tradicionalista pode fomentar aprendizagens mais duradoras e reflexivas. Nesse sentido, o Professor 2 traz relato sobre esta questão, o qual vai ao encontro do que destaca Straforini (2004), sobre o ensino tradicionalista e o conteudismo:

[...] Eu aprendi na faculdade uma coisa muito interessante, que hoje eu sempre utilizo na definição de Geografia, é “Tudo é Geografia”. Tínhamos uma brincadeira, de chegar na sala de aula e questionar aos alunos, me diz uma coisa que não seja Geografia, quem disser, tem 10 na média. Assim, as pessoas começam a entender que Geografia, não é apenas o mapa, hidrografia, o relevo, a fauna... isso leva o aluno a pensar profundamente. E, assim, a sair da ideia de que a Geografia é só isso, a Geografia é decoreba. O professor precisa evitar ser conteudista, pois o professor conteudista tenderá a ser substituído por uma enciclopédia. É preciso que o aluno entenda que ele também constrói o conhecimento. Hoje, o professor não é a única fonte de informação. E nós precisamos valorizar o que eles sabem. O professor precisa se permitir ser um mediador e não o detentor do conhecimento, tem horas, no momento da aula, que os alunos fazem uma pergunta e aí, mesmo eu sabendo a resposta, eu falo que vou pesquisar e depois eu digo a resposta, assim eles também entendem que o professor não é o sabedor de todas as respostas, é semelhante ao aluno. Os alunos sabem coisas que o professor não sabe e vice-versa. (PROFESSOR 2, 2021)

Nota-se que, se a Geografia se preocupa com o estudo do espaço geográfico, e este é constituído a partir das relações homem-natureza, isso evidencia o quão é intrigante pensar algo que não seja, que não contenha Geografia. A indagação “diga-me, o que não é Geografia?”, traz uma abertura para navegar no mundo das investigações, imaginações, reflexões e análises críticas. Sim, isso é o início dos estudos geográficos, mas é fundamental para a quebra do paradigma de ensino e estudo da disciplina enquanto ciência/conhecimento descritivo e decoreba.

O conteudismo se mostra um problema do ponto de vista da aprendizagem, pelo fato de colocar o professor como parte central e o aluno como mero receptor. Neste caso, o aluno não conquista e/ou constrói a aprendizagem, ele apenas a recebe. Sendo assim, o conteudismo proporciona, mesmo que indiretamente, aulas mnemônicas e maçantes, quando o aluno busca gravar as informações obtidas, mas, muito em breve, a esquecerá. Como bem destaca o entrevistado citado anteriormente, o ensino conteudista favorece a substituição do professor por máquinas.

O ensino progressista não se trata apenas de utilizar outras linguagens para ensinar a Geografia, mas a forma como o conhecimento é construído. Neste método, o aluno é um ser ativo, protagonista do processo de ensino e aprendizagem. O protagonismo encaminha o indivíduo para compreensão de sua importância na sociedade com teor de criticidade.

Cabe salientar que as novas formas de ensino e aprendizagem se distanciam cada vez mais das antigas, e isto está atrelado às novas demandas da sociedade e também do capital. O século XXI, é o século em que se observa o “alvorço” das tecnologias, especialmente as digitais. Um século marcado por significativas evoluções. Neste século já se observa que a maior parte dos alunos tem acesso às novas tecnologias digitais, quer seja de dispositivos tecnológicos pessoais ou não. E essas tecnologias passaram a influenciar drasticamente a forma e o modo com qual o processo de ensino e aprendizagem se dá.

Partindo disso, tornam-se relevantes e necessárias as discussões sobre novas práticas pedagógicas com as tecnologias voltadas para o ensino. Mas, “nem tudo são flores”, de um lado as discussões e argumentos que as tecnologias digitais são maléficas para o processo, do outro que as tecnologias digitais são essenciais, visto que já fazem parte da realidade dos alunos.

Ensinar com as novas tecnologias ou também com as demais linguagens pode proporcionar uma abordagem curricular com mais interação, alegria e prazer. Isso fica mais claro quando bem planejados, o que tende a alcançar e, até mesmo, superar os resultados esperados. Para além disso, é inegável que haja realidades em que as tecnologias ainda estão bem distantes. No cenário da pandemia de Covid-19, foi possível enxergar tal realidade de forma mais evidente.

A utilização das novas tecnologias apresenta uma facilidade diferenciada, uma vez que possibilita transcender por todas as áreas e absorver boa parte das outras

linguagens, e estar bem próximo da realidade do aluno. A desigualdade evidencia algumas das dificuldades, no tocante a disponibilidade da mesma nas salas de aulas e na realidade dos alunos.

Mas como já havia destacado, nem tudo são flores, nem tudo está perdido. Há realidades em que as tecnologias digitais são perfeitamente aplicáveis. Há outras que não. Por isso é importante a preparação docente para os mais diversos públicos e ambientes escolares.

O uso da linguagem sem uma boa preparação e reflexão, possibilita uma falsa realidade de que as aulas se tornaram mais lúdicas. Nunes; e Seccatto (2013), em sua pesquisa, evidenciam a problemática do uso da linguagem fotográfica de forma meramente ilustrativa. Tal fato deve ser estendido para outras linguagens, como a cinematografia, como a utilização de filmes meramente por diversão, pois no final os maiores prejudicados serão os alunos, por não alcançar as habilidades e competências necessárias, além de contribuir para que disciplina de Geografia seja vista como enfadonha. Com as novas tecnologias, o mesmo pode ocorrer.

No cenário pandêmico da Covid-19, as novas tecnologias foram fundamentais para a não interrupção do ano letivo, entretanto, evidenciou-se também as deficiências para a utilização dessas ferramentas, ora pela disponibilidade dos recursos, ora pelas dificuldades em saber manuseá-las. Como destaca o Professor 2 (2021)

[..] Além dos fatos evidentes para todos, essa pandemia nos impôs uma grande derrota para o ensino, pois nós falhamos enquanto sociedade, professores e governantes. Professores porque não nos esforçamos o suficiente, e o Estado, por não fornecer meios básicos para desenvolvimento do ensino e aprendizagem. Era o momento de os professores provarem que são insubstituíveis. (PROFESSOR 2, 2021)

Isso traz à tona o quanto precisamos refletir e repensar o ensino por meio das novas tecnologias, e o quanto é promissor seu potencial para auxiliar no ensino, principalmente de Geografia, mas em alguns casos a visão de uma “linguagem perfeita”, acaba por gera ilusões, por parecer ser algo próximo a realidade da escola e dos alunos. Concordamos com Santos (2011), quando discute que técnicas e metodologias inovadoras não garantem aprendizagem. É necessário a reflexão constante, sobre se o que foi feito gerou ou não gerou aprendizagem.

2.3 Realidade e perspectivas discentes e docentes no ensino de Geografia

Nesta seção, discorreremos sobre as entrevistas aplicadas aos professores e alunos da escola Luís Eduardo Magalhães. Por meio das entrevistas, verificamos e analisamos quais as linguagens mais promissoras para o ensino de Geografia, no contexto atual, os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos professores para que as aulas de Geografia sejam mais prazerosas, dinâmicas e contextualizadas.

Falar sobre o processo de ensino e aprendizagem requer também uma reflexão sobre as questões socioespaciais e econômicas em que a escola está inserida. A escola é o principal local de ensino do nível básico, no entanto, não é um ambiente isolado, à parte da sociedade. Como salienta Castrogiovanni (2011, p.44), a escola “reflete as tensões, as emoções da complexidade do conjunto de sistemas, de objetos e de ações que a compõe”. Se o aluno tem problemas no dia-a-dia, provavelmente isso o afetará na vida escolar, e pensar em alternativas para um ensino mais prazeroso tende a contribuir para a redução das consequências dos problemas cotidianos no desempenho escolar do aluno.

O livro didático é um instrumento essencial para o ensino básico, ele proporciona autonomia para o aluno, é um facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Sendo também norteador da docência no ensino básico, no entanto, o livro didático não consegue dar conta de algumas demandas e, em alguns casos, estão descontextualizados e/ou desatualizados. Nessa perspectiva, faz-se fundamental ao professor pensar em estratégias para aula que perpassem o livro didático.

No desenvolver da docência é comum que alguns docentes deem mais prioridade ao uso do livro didático na sala de aula de que outros, o Professor 1, relata que:

[...] É um pouco complicado sair do livro didático, uma vez que temos que cumprir todo o conteúdo estabelecido. E isso é bem cobrado. Eu me sinto um pouco engessada. Mas o livro em si, é muito bom, bem organizado, ilustrado e com boas sugestões para aprofundamento das discussões, como charges, cartuns, mapas, tabelas e gráficos. (PROFESSOR 1, 2021).

O uso do livro didático não é um problema para o ensino e aprendizagem de Geografia, o maior problema está na forma com que o professor o utiliza. Como bem destaca Emiliana; Menezes (2018), um livro de má qualidade é muito mais útil nas

mãos de um professor que sabe decifrá-lo com criticidade, que um livro de ótima qualidade nas mãos de um professor que apenas transmite o conteúdo.

Alguns alunos relataram que há uma excessiva e maçante utilização do livro didático na escola, isso não é um fato isolado, ele se repete em diversas salas de aulas e escolas, nas mais variadas disciplinas. Contudo, não é unanimidade. Isso faz e tende a fazer com que o aluno crie uma repulsão, neste caso, com a Geografia, e passe a não enxergar a devida relevância socioespacial deste conhecimento, como destaca o Aluno 3:

[...] Eu passei a amar a Geografia, quando o professor me possibilitou entender, que ela não é só o relevo, clima e decoração de nomes de países, cidades e nomes de acidentes geográficos. Antes disso, eu odiava Geografia porque em minhas experiências anteriores eu achava que ela só estudava o relevo, o clima e os nomes das capitais, não trazia algo para estimular nossa criatividade. (ALUNO 3, 2021)

De acordo com Castrogiovanni (2010), o livro didático é muito importante, todavia, este deve ser utilizado como mais um recurso didático, dentre tantos outros, e não o único. É comum não internalizarmos aquilo que consideramos chato, pois a nossa memória, de forma inconsciente, julga como algo não necessário. No relato do Aluno 3, ele teve a oportunidade de redescobrir a Geografia só no 9º ano. Isso nos faz refletir, “quais os motivos de isso só ocorrer no 9º ano? O que houve de errado nas etapas anteriores?”. As respostas não são tão simples, seriam necessários mais dados para identificarmos com mais precisão os motivos, até mesmo para evitar as injustiças. Porém, os demais relatos nos levam a crer muito mais em falha no ensino, que problemas/dificuldades de aprendizagem, que também existem.

Para muitos professores e alunos, o livro didático é a principal, e em alguns casos, a única fonte de informações e orientação das aulas de Geografia, mas é fundamental ir além do livro didático. Em alguns casos ele pode estar desatualizado, em outros casos os conteúdos podem não contemplar a realidade dos discentes, há ainda casos em que o livro tem uma linguagem muito técnica e é inadequadamente ilustrado, o que dificulta a compreensão do público alvo. O Professor 2, enfatiza que uma das alternativas para perpassar o livro didático deve partir da gestão escolar,

[...] A escola deveria possibilitar mais meios para que o professor tenha mais facilidade na inovação e criação de estratégias para tornar as aulas mais atrativas e dinâmicas. E o professor se dedicar da melhor forma para que

possa trabalhar o conteúdo. Não existe uma fórmula pronta, que se possa dizer aos professores: “trabalhe X conteúdo, dessa forma, com as mesmas ferramentas” e obter os mesmos resultados. Eu não acredito nisso. Eu entro numa sala eu faço um planejamento, tem o planejamento geral, para aquele conteúdo, para aquele ano, mas cada sala, de acordo com seu público terá um encaminhamento diferente de acordo com a sua realidade. (PROFESSOR 2, 2021)

Quando refletimos o ensino de forma mais profunda, percebemos as complexidades do processo. Este processo não se resume apenas à sala de aula (perpassa a escola), mas quando observamos a maioria das escolas, nos deparamos com estruturas precárias e pouco estimulantes. Geralmente, o professor tem apenas a sala de aula como único espaço para o ensino e a aprendizagem, e recursos limitados, em muitos casos, obsoletos. Isso tende a impor aos docentes maiores esforços para propor aulas diferenciadas e fora do padrão tradicional.

A escola precisa propor os meios necessários para que o professor desenvolva suas aulas da melhor maneira possível, enquanto isso não acontece, resta ao professor seguir em frente com os meios que estão ao seu alcance. Neste caso, cabe uma maior criatividade e inventividade. Uma das estratégias que tem se sobressaído recentemente é a metodologia da sala de aula invertida, a qual é utilizada com frequência por um dos entrevistados. Como relata o Professor 2:

[...] Gosto de utilizar a metodologia da sala de aula invertida, ou seja, eu indico o assunto peço para os alunos pesquisarem e refletirem, dado isso, na aula seguinte, eu entro com a explicação do assunto, ou seja, eu tento possibilitar que eles conheçam o assunto e, no momento da aula, não fiquem extremamente centrados nos livros e ouvindo minhas palavras como se fossem esponjas absorvendo água. Então, eu possibilito que eles colem informações. (PROFESSOR 2, 2021)

Na metodologia de sala de aula invertida o professor possibilita ao aluno ser o foco da aprendizagem, e deixar de lado o ensino tradicional, com aulas expositivas maçantes e com pouca interação. O aluno deixa de ser um mero expectador e passa a ser protagonista do seu aprendizado. Isso vai ao encontro do que afirma Castrogiovanni (2011), O aluno ganha autonomia, quando consegue criar algo a partir de seu entendimento. Ele também constrói o conhecimento. Nessa metodologia, sala de aula invertida, o processo de ensino e aprendizagem ocorre de forma horizontal, distanciando-se do ensino tradicional. Isso possibilita aulas mais atrativas focada na construção do conhecimento dinâmico.

Na da sala de aula é comum, um ambiente heterogêneo, tanto nas relações aluno-aluno, quanto aluno-professor. É também um espaço de discordâncias, mas que preze pela formação cidadã pautada na democracia e inclusão, e, para isso, exige-se flexibilidade no ensinar. Desta forma, o professor precisa pensar constantemente em meios para desenvolver as potencialidades dos alunos. Isso pautado na visão de que nem todo indivíduo aprende da mesma forma. Como bem destaca o Professor 2:

[...] Não há linguagem que eu utilize mais do que outra, eu tento utilizar todas. Mas vai sempre de acordo com o planejamento, viabilidade e resultados. O perfil da turma também é muito importante para escolher a linguagem adequada para aquele momento. É importante ter a ciência das diversas formas de aprendizagem, para que não se insista demais em uma linguagem e esqueça das demais. Cada um aprende num momento diferente. Eu tento abarcar todas, mas é claro que sempre faltará algo. (PROFESSOR 2, 2021)

Seria muito mais fácil se encontrássemos e/ou descobríssemos uma fórmula/receita secreta perfeita para lecionar aulas memoráveis, mas isso é pura utopia. Porém, não é incomum observarmos práticas docentes padronizadas e cristalizadas, vislumbradas pelos professores como a mais eficiente e, desta forma, acaba sendo eternizada pelos mesmos. É importante que haja o entendimento que não existe uma fórmula secreta para um ensino perfeito. O que é necessário é sempre apostar na mudança, na criatividade e inventividade para produzir novas experiências de aprendizagem.

Para evitarmos tal equívoco, é indispensável uma análise da realidade da turma, isto possibilita não nos aprisionarmos naquilo que tanto criticamos, um ensino descontextualizado. A padronização do ensino sugere o distanciamento do professor da sala de aula e até mesmo a substituição do professor por máquinas.

Ensinar é um processo muito desafiador, principalmente para realidade do Brasil, onde além dos problemas de aprendizagem, vivenciamos uma grande desigualdade socioeconômica e a exclusão social. Sendo assim, se faz fundamental que o professor seja a cada dia mais inovador, como salienta o Professor 1:

[...] Nós precisamos inserir novas metodologias no ensino, pesquisar e propor novas estratégias para tornar as aulas mais dinâmicas, nem sempre dá para trazer dinamicidade para a sala de aula, mas boa parte dos conteúdos, sim, é possível. As novas tecnologias têm um enorme potencial para possibilitar aulas mais atrativas, mas infelizmente é algo escasso em algumas realidades. Cabe ao professor essa plasticidade de compreender a realidade

da escola e da sala de aula, e a partir disso selecionar a melhor forma para desenvolver uma determinada aula. Às vezes é só ele e o piloto. A forma com que os alunos aprendem varia muito, alguns aprendem mais ouvindo, outros vendo, outros lendo, visualizando. Às vezes, a linguagem imagética é incrível para um aluno ou grupo de alunos, e para outros, não, isso vai muito na questão do gosto pela linguagem por parte dos alunos. O professor precisa sempre ter essa noção, para não focar demais em uma forma de deixar as demais de escanteio. (PROFESSOR 1, 2021)

Tal fato, de que cada linguagem tem sua devida importância e atrai determinado público mais que outro, foi verificado no grupo de discussões, quando alguns alunos apontaram gostar mais da linguagem X, outros da Y, e outros da Z. Como bem destaca Melo et al. (2012), precisamos superar o tradicionalismo da Geografia e do ensino de Geografia, e entender que cada público tem suas especificidades. As variedades de linguagens possibilitam uma gama mais ampla de possibilidades para um ensino mais inclusivo, atrativo e contextualizado.

Quando o aluno não encontra o prazer na escola tudo se torna chato, massacrante, como bem destaca Santos (2011), quando as aulas são chatas, decorativas e descritivas, o tempo parece não passar, algumas horas ou minutos parecem ser eternos. Isso tende a provocar o desinteresse pela ciência geográfica, e como tal prática não se resume apenas a Geografia, acaba por gerar um desinteresse pelo ambiente escolar. Segundo o relato do Aluno 1:

[...] Foi só no 9º ano que eu tive uma nova ideia da Geografia, com um novo professor, ele me fez pensar fora da caixa. Nas séries anteriores tínhamos aulas muito repetitivas e acabava sendo muito cansativa. Todos os dias eram as mesmas coisas. Já nesse pensar fora da caixinha, não esquecemos. (ALUNO 1, 2021)

Essa “coisa” repetitiva, a qual o aluno se refere está ligado questão do conhecimento decorativo e dissociado da realidade do indivíduo, como a memorização de nomes de países, capitais, principais cidades, nomes de acidentes geográficos, números econômicos e populacionais. São coisas que no fim o aluno acaba esquecendo. O Aluno 3 (2021), relata, “Eu normalmente não consigo prestar muita atenção quando o professor fica lá na frente só falando, e percebo que boa parte dos meus colegas passam pelo mesmo problema. Quando o professor traz uma novidade eu me sinto mais ativo, mais estimulado”.

O motivo principal para o aluno frequentar uma escola é a construção do conhecimento. Essa construção pode acabar sendo ofuscada quando o aluno entende

que aquele conhecimento não é necessário para a vida dele, ele apenas decora o conteúdo necessário para a realização de uma prova, muito em breve não se recordará daquilo que havia gravado em sua memória temporária.

Nessa realidade contraditória e geradora de exclusão, o ensino é o instrumento essencial para a correção das anomalias sociais. Proporcionar ao indivíduo um ensino prazeroso e dentro de sua realidade contribui para o entendimento de sua importância na sociedade enquanto agente transformador.

Quando o aluno consegue entender e enxergar a Geografia como algo que está intrinsecamente presente na sua realidade, a tendência é que haja um maior interesse para conhecê-la muito mais.

Essa discussão ratifica a afirmação de Santos (2011) sobre a necessidade de que o conhecimento tenha significado na vida do aluno. A dificuldade de trazer à luz, esse significado está atrelado a dificuldade docente em associar o conhecimento teórico à realidade vivida. O aluno também é agente transformador e construtor da sociedade, do espaço geográfico. Quando esse objetivo é alcançado, a Geografia tende a mostrar seus vários encantos. As aulas com discussões que ampliam os horizontes a partir do conteúdo trabalhado, fazendo reflexões da realidade vivida, percebida e sentida, com criticidade, possibilita o entendimento do indivíduo e do seu lugar no mundo.

Todavia, para criar novos olhares e reflexões as aulas de Geografia, a utilização das diversas linguagens é um caminho promissor, pois pode estimular o interesse e a atenção do aluno, possibilitando que as aulas não fiquem chatas para os discentes, tão pouco os docentes. A atenção humana está muito mais atrelada a novidade, aquilo que lhe gera curiosidade e sedução. Esta constatação é importante para que não corramos o risco de selecionar uma linguagem que temos mais afinidade e a utilizarmos massivamente. Como já ocorre com o livro didático.

Falar sobre o ensino nos remete refletir sobre o processo avaliativo, como bem destaca Rocha; e Trojan (2014), em muitos casos é um processo muito mais punitivo que avaliativo, ele deveria ser processual e cumulativo. Em muitos casos esse processo é utilizado pelos professores como ferramenta de punição, expressão de poder. O Aluno 4 (2021), destaca, “era muito comum meus professores de Geografia anteriores darem aula por meio do livro, após finalizar o capítulo, aplicar uma prova para saber o que aprendemos, isso não era só nas aulas de Geografia”. O Aluno 5

(2021), complementa, “aí a gente tentava gravar o assunto, depois da prova já não sabíamos mais de nada”.

O uso inadequado desse instrumento do planejamento, mesmo que a ideia final não seja punição, dessa tende a gerar traumas no processo de aprendizagem. A prova não é uma ferramenta eficientemente capaz de exprimir o conhecimento construído pelos alunos, para além disso, ela tende a incentivar a exclusão, pois é muito comum alguns alunos não conseguirem expressar aquilo que aprenderam na forma escrita. Desta forma, para um ensino mais inclusivo, é primordial a utilização de outros instrumentos avaliativos, a avaliação propriamente dita é processual, e prioriza a inclusão.

Refletir sobre o ensino tradicional, também sugere uma reflexão sobre o processo avaliativo. Ambos precisam estar em harmonia, pois isso contribuirá para o entendimento que o ensino não é especificamente para realizar uma prova e, sim, para toda a sua trajetória de vida.

Retomando as discussões sobre as linguagens no ensino, Nunes e Seccatto (2013), afirmam que, geralmente, a escola supervaloriza muito mais a linguagem verbal em detrimento a visual, contudo a linguagem mais predominante no dia-a-dia dos alunos são as linguagens visuais. Elas tendem a possibilitar mais facilmente o desenvolvimento de noções e conceitos primordiais para a compreensão do espaço geográfico. Os alunos destacaram que, de fato, é muito mais comum a utilização de texto, da linguagem verbal de forma mais massiva, que qualquer outra.

Mas afinal, qual a melhor linguagem na perspectiva dos alunos? O que eles esperam sobre o ensino de Geografia por meio delas?

Para o Aluno 1 (2021), “filmes não são muito interessantes, é muito mais interessante quando o professor força a nossa criatividade, e traz recursos como Games, redes sociais”. Quando questionado sobre o motivo de o filme não ser muito interessante, os alunos informaram que é pelo fato de geralmente não chamar a tanto a atenção e, em muitos casos, serem muito longos. Essa questão do filme é possível solucionar reduzindo o tempo de duração, trazendo as partes mais importantes e pertinentes para as discussões, isso tende a influenciar com que o aluno desperte o interesse para assistir ao filme por completo depois, movido pelo desejo da descoberta, da investigação.

Um ponto crucial nesta questão, e que precisamos apontar aqui, principalmente no que diz respeito a utilização de filmes na sala de aula, é que em muitos casos é proposto no intuito apenas de entreter, preencher a aula, pois quando o filme é escolhido juntamente com os alunos, a partir dos conteúdos, e há um planejamento antes, durante e pós exibição, a utilização dos filmes como estratégia de ensino e aprendizagem, gera muitos e bons frutos.

Temos presenciado recentemente uma massiva popularização da produção e distribuição dos *games*. Eles estão cada vez mais presentes nas vidas dos alunos. Os *games* normalmente tendem a prender a atenção do indivíduo na resolução de um determinado problema, a estimular a busca pela investigação, pelo descobrimento, mas, como bem destaca Lima (2015), não tem ganhado o apoio, eco nas escolas.

São vastas as possibilidades de utilização de jogos no ensino de Geografia, que vão desde superprodução e gráficos impecáveis, como *SimCity*, às mais simples, como o *Google Formulário* de forma gamificada, este último fora utilizado pelo Professor 2. De acordo com os alunos, foi uma proposta inovadora que despertou a atenção da turma, por fugir da rotina maçante.

Essa informação é importante para refletirmos sobre as realidades em que cada sala de aula/escola estão inseridas, até porque é comum que essa linguagem seja inviável em algumas salas de aulas, mesmo que de uma mesma escola. Isso vai ao encontro do que afirma o Professor 2, é preciso que se analise o perfil da turma antes de escolher uma determinada linguagem.

Entre as TIC's, é também possível apontar as Geotecnologias, elas são ferramentas promissoras, mas pouco ou raramente utilizadas nas aulas de Geografia, dentre elas podemos destacar o *Google Earth Pro* e o *Google Maps*, ambas são ferramentas populares, bem intuitivas e de fácil manuseio (GIACOMET ET AL., 2015).

De acordo com o Aluno 3 (2021), “é muito bom quando o professor traz algumas novidades, isso desperta muita nossa atenção. Gostamos muito de animes, games, aprendemos muitas coisas com isso”. Novidades, não necessariamente precisa ser algo relacionado às novas tecnologias, e sim algo que possibilite uma variação da rotina. Nem sempre dará para trazer recursos novos, até porque eles não são infinitos, mas normalmente é possível propor aulas contextualizadas com a realidade do aluno por meio de alguma linguagem.

É muito comum que o professor reflita e pense constantemente em formas de tornar as aulas mais atraentes, de fazer com que seus alunos entendam a importância daquele conteúdo, e, em alguns casos, tentar criar meios para eles se apaixonem pelo conhecimento geográfico. E para que isso seja alcançado, se faz necessário que o docente pesquise e investigue as mais variadas possibilidades e linguagens.

Diante da realidade atual do ensino, principalmente de Geografia, evidencia-se, ser essencial uma maior atenção para a formação continuada. Essa formação, no que diz respeito às metodologias, precisam ser mais práticas que teóricas. Como bem podemos observar, está cada dia mais difícil atrair a atenção das novas gerações com métodos convencionais.

Não é viável para o ensino e a aprendizagem contemporâneos, a persistência no método tradicional, focado no conteudismo, onde o ensino é desconectado da realidade, sem contexto. Neste modelo de ensino, acabamos por formar meros reprodutores de informações e supostas verdades, contribuindo assim, para a criação e ampliação de ambientes e processos poucos desejáveis. A Geografia, especialmente, precisa fugir do perigo positivista da redução das realidades e isolacionismo dos fenômenos para poder estudá-los e compreender. Embora seja uma corrente antiga do conhecimento geográfico, ainda é muito presente nas realidades da sala de aula.

Na sociedade atual, se faz fundamental que esses dois elementos, a criticidade e ensino dinâmico, estejam interconectados, pois pouco adianta uma Geografia Tradicional com um método de ensino inovador, o contrário também é verificável, mesmo que em uma escala menor. Desta forma é mais provável que a Geografia faça mais sentido na vida do aluno. Não é que o método seja mais importante que a teoria, ou vice-versa, mas que ambos, quando interconectados, produzam resultados mais eficientes.

Enfim, à medida que evoluímos no tempo, ensinar e aprender consistem em um evento complexo. O caminho da docência é um dos mais desafiadores, dificilmente será possível padronizar uma forma de ensinar, porque não é possível que exista um padrão na aprendizagem, se fosse possível seríamos robôs e não professores. A procura constante pela inovação e criatividade são fatores primordiais para que o professor não pare no tempo, tão pouco se contente com as realidades impostas. Ensinar pode ser também um ato do amor, mas é, sem dúvida, um símbolo

e ato de esperança e responsabilidade social, e é preciso que se tenha a consciência dessa função, desse poder, pois é imprescindível para formar uma sociedade mais igualitária, consciente e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Despertar o interesse do aluno, pensar e repensar as estratégias, é fundamental para que o ensino, principalmente de Geografia, seja crítico e reflexivo. Tal fato possibilita o distanciamento de um ensino descritivo e enfadonho.

Embora existam diversos estudos² indicando o ensino descritivo como pouco eficiente e atraente, é muito corriqueiro a sua aplicação nas escolas. Como foi observado na pesquisa, é fundamental que o professor estimule a criatividade discente, que, em muitos casos, é subestimada, principalmente quando o ensino e a aprendizagem se dão de forma passiva e vertical.

O professor de Geografia precisa refletir constantemente sobre seus métodos e se permitir a autocritica, isso só tende a enriquecer a sua missão enquanto agente promotor das transformações.

Esta pesquisa não buscou ou busca encontrar ou apontar culpados, mas refletir sobre a realidade e possíveis formas para ressignificar o processo de ensino e aprendizagem, superando o tradicional e o conteudismo.

A mera utilização de novos ou diferentes recursos na sala de aula não garantem a aprendizagem, mas se utilizando em aulas bem estruturadas e planejadas, tende a fazer com que tenhamos aprendizagens mais significativas e eficientes. A crítica ao conteudismo é pelo fato de ser maçante, pouco gerador de interação. Aulas conteudistas tendem a enxergar e colocar os alunos como meros receptores de informações e “conhecimentos”.

Como bem foi observado, aulas baseadas na memorização são apontadas pelos alunos como pouco relevantes, uma vez que, normalmente, o conteúdo “absorvido” tende a servir apenas para realizar uma prova. Elas não possibilitam abertura de espaços para o pensamento crítico, a criatividade e a reflexão discente.

O método não é mais importante que o conteúdo, isso não é um apoio ou aceno ao conteudismo, tal afirmação é importante para a reflexão, “não adianta ser

² Aulas tradicionais são ineficientes, aponta pesquisa da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos (2014).

especialista nos métodos, dominar diversos recursos, e não ter o domínio do conteúdo”. A supervalorização do método implica num ensino raso e, geralmente, sem contexto. Aos professores do século XXI é imprescindível o equilíbrio e interação constante entre o método e o conteúdo.

O processo de ensino é desafiador e complexo pelo fato de que a aprendizagem ocorre de forma diferente em cada indivíduo e/ou grupo. Essa complexidade humana é incrível, por mais que existam mais de 7,8 bilhões de humanos no planeta Terra, dificilmente, eles pensam, vivem ou fazem leituras semelhantes da realidade. Essa diversidade é essencial para o desenvolvimento da humanidade. E a Geografia está aí para apontar e explicar as contradições, compreender e acolher as diferenças, gerando reflexividade nos alunos.

O ensino e aprendizagem com criticidade não se resumem meramente na crítica pela crítica, sem fundamentos e contextos, e sim na pauta ao entendimento dos processos. Quando criticamos a Geografia Tradicional, estamos apontando os equívocos, as falhas deste viés científico quanto à compreensão e estudo do espaço geográfico. Já o ensino tradicional vai além da Geografia, pelo simples fato de não ser uma exclusividade desta ciência/disciplina.

Não é muito difícil fazermos uma revisão geral das nossas trajetórias formativas, enquanto discentes, para bem observamos o teor do ensino tradicional nas demais disciplinas. Comumente nos deparamos com alunos insatisfeitos, muitas vezes consigo mesmos. Claro, nem sempre isso se dá por problemas no ensino ou na escola.

Não é responsabilidade exclusiva da escola, ser agente promotor de motivações e inspirações. Entretanto, ela tem seu nível de responsabilidade, ela é o alento para muitos, isso é mais evidente em realidades onde as desigualdades sociais e econômicas são mais iminentes.

Então, faz-se necessário que o ensino seja motivador e transformador de realidades, e não modelador, pois modelar consiste num processo que visa a padronização.

Pensar no ensino e na aprendizagem em Geografia, requer uma reflexão, do que pode ser feito para que ela seja mais atrativa, dinâmica e contextualizada. No tocante ao ser atrativa, está relacionado a chamar a atenção dos alunos. É possível fazer isso por meios das diversas linguagens: charges, cartuns, imagens, teatro,

cartografia, NTIC, músicas, jornais, revistas, cinemas. A atratividade não pode ser isolada, se assim for feito, tenderá a gerar equívocos e problemas maiores, pois faz com que o aluno compreenda o que está sendo estudado como de pouca relevância.

O mau uso das diversas linguagens no ensino gera e reforça estereótipos. Podemos considerar um mau uso quando ela é claramente utilizada como passatempo - principalmente a linguagem cinematográfica, como bem destaca por alguns entrevistados -, e quando o planejamento não é feito ou é falho. É comum que falhemos, é incomum não aprender e evoluir a partir falhas.

Para que seja evitado o equívoco da linguagem como entretenimento e/ou distração, é imprescindível a contextualização. O mundo é também a sala de aula, os indivíduos ali presentes são agentes transformadores do espaço geográfico. Enfim, a resposta ao questionamento *“para que serve isso?”* ou *“em que eu vou aplicar na minha vida, no meu dia-a-dia?”*, não pode estar resumido apenas aos vestibulares e exames, pois estes são passageiros. Devem estar presentes no viver!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Nelma Santos de. **Reencantar o ensino de Geografia, uma missão possível? Caminhos para busca de uma geografia interessante**. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Santo Antônio de Jesus – Ba, 2010.
- BOMFIM, Natanael Reis. **A imagem da geografia e do ensino da geografia pelos professores das séries iniciais**. Estudos Geográficos, Rio Claro - SP, 2006.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. In REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.s). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.
- CASTROGIOVANNI, A. C. et al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – 5 ed. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2010.
- CHIOFI, Luiz Carlos. **O uso das tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem**. III Jornada de Didáticas: desafios para a docência e II Seminário de Pesquisa do CEMAD. ISBN: 978-85-78-46-276-5. Universidade Estadual de Londrina – PDE. 2014
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajétórias geográficas**. Rio de Janeiro: Betrand Brasil. 1997.
- CORTE, Anelise C. Dalla; LEMKE, Cibele K.. **O estágio supervisionado e sua importância para a formação docente frente aos novos desafios de ensinar**. EDUCERE, XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, 2015.
- CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos. **Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.3, set./dez. 2011.
- DALVA E. Gonçalves Rosa ... [et al.]. Formação de professores: concepções e práticas em Geografia. In CAVALCANTI, Lana de Souza. **Bases teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino**. Goiânia: E. V., 2006.
- EMILIANA, Cleonita Pereira dos Anjos; MENEZES, Prisylla Karoline de. **O uso do livro didático de geografia no ensino fundamental do colégio estadual ministro Santiago Dantas**. Élisée, Rev. Geo. UEG – Porangatu, v.7, n.1, p.131-143, jan./jun. 2018.

FREITAS, Inês Aguiar de... [et al]. **História do pensamento geográfico**. Volume único. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2014.

GIACOMET, Arieli Santos Cordeiro; HAURESKO, Cecília; NEUMANN, Cassiano Martins; SANTOS, Nayara Fernanda dos. **O uso das geotecnologias no ensino da Geografia**. XII Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, Curitiba, 2015.

GOTTSCHALK, Cristiane Maria Cornelia. **Uma concepção pragmática de ensino e aprendizagem**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.3, p. 459-470, set./dez. 2007.

GURGEL, Taís Cristina Nunes Pereira. Geografia acadêmica e geografia escolar: entorno de uma aproximação teórico-conceitual. III CONEDU (Congresso Nacional de Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. 2016.

KAERCHER, N. A. **Desafios e utopias no ensino de Geografia**. São Francisco do Sul –RS: Edunisc, 2003.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra**. São Paulo: Papyrus, 1989.

LIMA, Marcos Rodrigues Ornelas de. **VIDEOGAME E ENSINO: A Geografia nos Games**. Giramundo, Rio de Janeiro, V. 2, . 2015

MARTINS, Wypczynski; MILITZ, Rosa Elizabete. Um diálogo acerca das experiências dos estagiários no contexto do estágio de docência em Geografia. In GIORDANI, Ana Claudia organizadores... et al. **Aprender a ensinar Geografia: a vivência como metodologia**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

MELO, Adriany de Ávila; VLACH, Vânia Rúbia Farias; SAMPAIO, Antônio Carlos Freire. História da Geografia Escolar Brasileira: continuando a discussão. In: VASCONCELLOS, Luiz Gonzaga Falcão; SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo (Orgs.). **Geografia e Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. 1ed.Curitiba: CRV, 2012, p. 31-48.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena história crítica**. São Paulo: Annablume, 2003.

MOREIRA, Ruy. **O que é geografia**. 2. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1981

NETO, Fernanda Borges; VLACH; Vânia Rúbia Farias. **O uso do vídeo no ensino da geografia para educação de jovens e adultos**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 79-102, jul./dez. 2015.

NUNES, Casparotti Flaviana; SECCATTO, Ana Cláudia. A linguagem fotográfica no ensino de Geografia: considerações a partir de práticas docentes no Ensino Médio. In OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva; PORTUGAL, Jussara Fraga. **(GEO)GRAFIAS E LINGUAGENS: concepções, pesquisas e experiências formativas**. – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva; PORTUGAL, Jussara Fraga. **(GEO)GRAFIAS E LINGUAGENS: concepções, pesquisas e experiências formativas.** – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

PASSOS, Joelson de Souza. **O Ensino de Geografia no Ensino Fundamental II: Uma Observação da didática de Geografia no 6º Ano da Escola Ana Maria do Couto em Cuiabá-MT.** VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, AGB. Vitória - ES, 2014.

REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.s). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

ROCHA, Dalva Cassie; TROJAN, Vitor Luiz. **A avaliação tem sido instrumento de aprendizagem ou de punição?** Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Vol. 1, Paraná, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal.** Record, Rio de Janeiro, 4º edição: 2000.

SANTOS, Ana Rocha. Conversa com quem ensina. In REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André (Org.s). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

SOUZA, Hanilton Ribeiro; SOUZA, Luciana Cristina Teixeira. Estágio supervisionado em geografia: Percorrendo novos caminhos e construindo outras geografias. In OLIVEIRA, Simone Santos; PORTUGAL, Jussara Fraga; RIDEIRO, Solange Lucas. **Formação e docência em Geografia: narrativas, saberes e práticas.** EDUFBA, 2016.

SOUZA, Hanilton Ribeiro; SOUZA, Patrícia Pires Queiroz. O MUNDO DE MALFADA: ensinando e aprendendo Geografia através de outras linguagens. In OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva; PORTUGAL, Jussara Fraga. **(GEO)GRAFIAS E LINGUAGENS: concepções, pesquisas e experiências formativas.** – 1. Ed. – Curitiba, PR: CRV, 2013.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.

WIKIHOW. **Aulas tradicionais são ineficientes, mostra estudo.** Revista Galileu. [S.l.] 2014. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2014/05/aulas-tradicionais-sao-ineficientes-mostra-estudo.html>. Acessado em: 02 de junho de 2021.

APÊNDICE

Apêndice A: Questões para os alunos – Grupo focal

1. Em relação às aulas de Geografia, aqui da escola, quais são os pontos positivos e negativos que você destacaria?
2. Ainda em relação às aulas de Geografia, você acha que uso de recursos, como: música, vídeos/filmes, poemas, charges, tirinhas, memes, jogos, histórias em quadrinhos e outros, ajudam no entendimento dos conteúdos? Por quê?
3. Você considera que estes recursos e novas metodologias influenciam na atenção e participação dos alunos na aula?
4. Na sua opinião, o que deveria mudar no ensino de Geografia, hoje, a fim de se tornar mais dinâmico, interessante e prazeroso?
5. Sabemos da importância do livro didático, mas você considera que se o/a professor/a utilizar outras formas de ensinar, como: poemas, memes, charges, tirinhas, histórias em quadrinhos, jogos, filmes, músicas, cordel, etc, isso também ajudaria na melhor aprendizagem dos alunos em relação aos conteúdos geográficos?
6. Durante o período formativo de vocês, nas aulas de Geografia, poderiam falar sobre o que mais os encantou e o que mais os decepcionou em relação a tais aulas?
7. Quais foram os tipos de recursos ou atividades que o/a professor/a de Geografia utilizou em sala que você mais gostou?

Apêndice B: Entrevista dos professores



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V SANTO ANTONIO DE JESUS – BAHIA COLEGIADO DE GEOGRAFIA

1. Quais as alternativas utilizadas, em sala de aula, para perpassar o uso livro didático?
2. O que podemos fazer para tornar o ensino de Geografia mais dinâmico, lúdico e interativo?
3. Considera produtiva e eficiente a utilização de outras linguagens no ensino de Geografia?
4. Quais são as linguagens mais utilizadas para dinamizar e tornar as suas aulas mais atrativas?
5. Nas vezes em que utilizou outras linguagens, quais dela (s) gerou (aram) alguma decepção?
6. Nas suas vivências no ensino de Geografia, na sua perspectiva, o que a escola pode fazer para que o ensino por meio das diversas linguagens tenha um maior aproveitamento?

7. Considera as diversas linguagens fundamentais para o ensino de Geografia? Por quê?
8. Existe alguma linguagem que desejou ou deseja utilizar, mas que considera inviável diante da realidade e estrutura da escola? Se sim, qual (is)?
9. Na sua perspectiva, qual (is) linguagem tem maior potencial para o ensino de Geografia?
10. Qual a linguagem na sua percepção proporcionou apresentou maior resultado e ganho na aprendizagem?
11. Durante esse momento de ensino remoto, quais linguagens foram mais utilizadas, e quais as dificuldades? Como conseguiu vencer?